

Habituada à estreiteza das terras nortenhas, serranias carregadas de árvores que dão um tom verde à paisagem, um odor insofismável e inconfundível a pinheiro e eucalipto, habitações simples e degradadas, ruas com muita gente idosa trajando de preto, estranhei, enfim, uma larga planície que se começa a ver depois da Serra dos Candeeiros, em plena auto-estrada Porto/Lisboa, uma luz intensa e marcante, vastos horizontes: aqui e ali vêm-se umas oliveiras e muito terreno plano pululado, de quando em quando, por uns animais tranquilos que olham sem qualquer dose de ansiedade, uma paisagem preponderantemente castanha.

Continuava enlevada com o que me acontecera nos últimos dias. Deitava-me na minha cama, à noite, mas não conseguia adormecer. Vozes que me assolavam os ouvidos e me diziam: “aproveita bem estes momentos, muita coisa te aconteceu nestes dias, mas não foi por acaso”. Via-me no Palácio com o Presidente e esposa, lembrava-me daqueles pastéis de nata de Belém que me serviram ao final da tarde com chá, nunca tinha provado tamanha iguaria, aquele sabor a canela e o açúcar em pó que provocam tosse a quem não usa um cuidadoso e prenhe líquido para humedecer uma seca garganta.

Queixava-me à minha mãe que escutava vozes e sentia dificuldade em adormecer, mas ela andava contente com a minha súbita elevação e protagonismos sociais. É que por todo o lado onde ela comparecia toda a gente lhe perguntava por mim. Eu até desconfiava que a minha mãe, que sofria de uma certa psicose afectiva porque o meu pai se entretinha a enganar a vida, com os seus desaires, numa estagnação psicológica e enlevo naturalista que o punham quase sempre, em casa, a olhar horas a fio para as couves, as árvores e os pássaros cantantes que pululavam em redor à nossa casa, andava muito ciumenta comigo de tanto ter que falar de mim nas ruas às pessoas que a indagavam com protuberância prolixa. O meu pai era o único que me ouvia, que se punha a dizer: “ainda vais ser famosa, até o Cavaco te recebeu...” e lá se refugiava nos dois melros que ele adorava, olhando-os nas duas gaiolas, nervosos e saltitantes, cujo canto era composto por melodias intermináveis, de um êxtase intimista. Os meus irmãos não ligavam muito à minha saga em Belém porque verdadeiramente não compreendiam a importância daquela viagem, nem sequer entendiam o que era verdadeiramente um Presidente da República. Ficaram encantados com os saquinhos com as natas que me deram no Palácio de Belém e comeram-nas sofregamente.

Encontrava-me deitada a ouvir os melros, em mais um despique melodioso, quando fui acordada para a realidade com um: “ó da casa, está aí alguém?”. Levantei-me e avancei para o portão exterior e vi três pessoas que me olharam perscrutadoras.

Apresentaram-se, disseram que eram vereadores da Câmara Municipal, um deles Vice-Presidente, e começaram a cantilena costumeira, que estavam orgulhosos da minha audiência com sua Ex.^a o Senhor Presidente da República, embora pelas trágicas razões, mas que viam em mim um enorme potencial, sendo de origens humildes tinha todas as condições para seguir em frente, tirar um curso superior na área das letras, visto que a minha paixão eram os livros. De imediato deram-me um cartão com acesso ilimitado à Biblioteca Ferreira de Castro, podia consultar todos os livros, levá-los para casa o tempo que eu quisesse, e disseram-me que eu ia ter uma conselheira para me orientar nas leituras, a Dr.^a Anette Figueiredo, bibliotecária, que me forneceria todas as informações para eu iniciar as leituras dos livros fundamentais para adquirir uma robusta cultura clássica. Ainda me deram um cheque no valor de 2.000,00 € para cobrir as despesas com medicamentos e para eu gastar como melhor me aprouvesse. Fiquei encantada! À despedida reparei então que os dois homens e a mulher que estavam na minha frente tinham todos na mão esquerda um sinal que eu já vira antes: um Triskle discreto e minúsculo desenhado junto ao polegar esquerdo! Aquele símbolo continuava a perseguir-me... e eu na maior ignorância porque não conhecia o seu significado nem sabia porque me perseguia atroz nos últimos dias nem o porquê de uma tanta quantidade de pessoas que se aproximavam de mim com aqueles sinais! O que me deixava desesperada, pois não tinha a quem recorrer para que me explicasse o significado daquelas pontas. Quando saí para a rua para me despedir das três pessoas que ali estiveram a conversar comigo dei comigo a olhar para a matrícula traseira do BMW e, mesmo ao lado, um pequeno sinal metade amarelo e vermelho ponteadado com uma imagem central de uma mulher com umas folhas na cabeça e por trás três pernas soltas similares na harmonia com os símbolos que eu ultimamente tanto vira, o Triskle! Talvez a tal doutora da Biblioteca Ferreira de Castro me pudesse explicar finalmente a origem de uma tal simbologia.

A minha mãe irrompeu pelo quarto dentro, acordando-me de um sono profundo que me deixou perplexa e muito lenta a reagir aos estímulos matinais que ela, dotada de alguma brusquidão, sempre fazia gala em exhibir. O sono levava-me até a um mar muito azul, refulgente, que me impossibilitava de o olhar em frente, pelo que me tinha de contentar com um vago piscar de olhos para tentar captá-lo, sentia um calor insuportável e uma fina brisa quente que me não deixava respirar com profusão. De súbito vi três cabeças de mulheres que irrompiam acima da linha de água e que gritavam aterrorizadas e foi aqui nesta impressionante fase que eu fui acordada pela mão firme da minha mãe que me agitava electrizante, ajudada pela voz de barítono que me acordou fatalmente, para minha indesejável vontade agora que estava tão

perto de saber a razão daqueles gritos lancinantes. A minha mãe mandou-me vestir com rispidez e alucinante refrega o roupão e, ao mesmo tempo tirou-me com brusquidão a roupa da cama exibindo o meu pijama novo com uns livros estampados na frente que, a Doutora Maria Cavaco Silva tão empenhadamente me tinha oferecido. Reagi com selectiva precaução, tacteando cada gesto com um esmero cuidadoso para me ajudar a levantar e sobretudo a acordar. Por fim lá me levantei contrariada e ainda sem perceber o porquê de todas aquelas pressas. Dispus-me então a ouvir com mais atenção a minha mãe, que logo que entrara no quarto e me acordara, não parara de falar, mas para mim não chegara ainda o momento de a ouvir para saber a razão daquele sôfrego despertar matinal. A minha mãe disse-me então que estava lá fora um homem que se apresentou como jornalista que me queria ouvir com urgência. Até nisso ela se comportava igual a ela mesma, pois nem sequer ouviu o que ele tinha para me perguntar, apenas lhe mencionara a sua necessidade em falar comigo e mostrou-lhe um cartão que o identificava como sendo jornalista.

Fui levada então à presença de um homem de meia-idade, terrivelmente magro, com uma barba preta de três dias, daquelas que agora muitos usam, de estatura elevada, aí de um metro e noventa, vestindo uma camisola vermelha de algodão um “blazer” e calças pretas, com uns olhos verdes, enormes, dirigindo-me um olhar cândido, mas uma voz acutilante. Disse-me que era colaborador do jornal Público e que tinha na sua posse, não ali é claro, mas bem guardados, uns documentos comprometedores para com os autarcas do concelho que os davam como sócios de empresas ligadas à construção da Biblioteca Ferreira de Castro e que, no fundo, a queda da estante que me vitimara e quase me deixara inutilizada se devia à ausência dos parafusos que, supostamente, seguram as estantes carregadas de livros às paredes, mas devido à pressa evidenciada em todo este processo e à falta de uma fiscalização eficiente, quando as pessoas no dia da inauguração começaram a mexer nos livros colocados nas estantes, aconteceu a tragédia. Quis saber também se eu tinha sido visitado por alguém ligado à autarquia, mencionando que o meu nome estaria a coberto do segredo jornalístico na protecção das suas fontes e que, dada a minha curiosidade, me explicou longamente um pouco da deontologia profissional do jornalismo, ainda para mais quando eu lhe disse que gostaria de seguir jornalismo e de exercer essa apaixonante actividade que, via assim como uma espécie de detective privado dos romances policiais. Conte-i-lhe então o meu diálogo com as pessoas da autarquia, descrevi-os fisicamente e fiquei a saber que tinha falado com o Vice-Presidente da Câmara e com o Vereador ligado à cultura e a mulher que os acompanhava não pertencia à edilidade, mas tinha ligações com organizações

sinistras e falava pouco e ninguém sabia as suas origens! contei-lhe igualmente a minha inquietação quanto às pessoas que me contactavam e que eram portadores do “Trickle”.